

Sociedade pós-moderna: O poder da informação O poder de informar

ANA MARIA REZENDE CABRAL*

Discute a relevância da informação na sociedade pós-moderna e o novo papel do bibliotecário como profissional da informação. Destaca o saber como mercadoria informacional na nova sociedade, e a crescente informatização do conhecimento. Procura analisar os impactos das inúmeras mudanças ocorridas na sociedade e sua influência na prática das bibliotecas/serviços de informação, assim como na relação usuário/informação.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade pós-moderna
Bibliotecas e Sociedade
Bibliotecas - automação

SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Os países do 1º Mundo já se encontram mergulhados na sociedade pós-industrial fundamentada na tecno-ciência (especialmente a informática), e cujas realizações provocaram mudanças decisivas na estrutura econômica dos países, em suas relações sociais e nos modos de produção e trabalho. Por outro lado, tais transformações modificaram substancialmente hábitos, valores e costumes fazendo emergir uma nova cultura — esta chamada por alguns de “PÓS-MO-

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

DERNA", em que o campo das artes, da literatura e da produção científico- tecnológica foram também afetados. (Ver SANTOS, 1989.)

TOFFLER (1992) denomina esta nova fase da história mundial de "Terceira Onda", e assinala os impactos que ela vem causando nos países de alta tecnologia. Nestes, ocorre uma verdadeira revolução tecno-social, em que a invasão do cotidiano pela tecnologia eletrônica visa saturar o indivíduo com informações, oferecer-lhe diversões e seduzi-lo ao prazer de usar bens e serviços.

Enquanto a revolução industrial criou a sociedade de massas, e teve como princípio a homogeneização da produção e do consumo, a "Terceira Onda" faz o movimento inverso, e tem como base a "manufatura desmassificada" e a fabricação de produtos heterogeneizados. Deste modo, os mercados são agora definidos cada vez mais segundo especificações dos clientes, para atender ao consumo personalizado. A economia dos países altamente qualificados como Japão, EUA e centros europeus, requer fábricas flexíveis e computarizadas, com mão-de-obra especializada, empregando *experts* que utilizam largamente informações a fim de desenvolver sua capacidade mental e intelectual e sua criatividade inovadora, de forma a estarem aptos para gerenciar as riquezas produzidas. E a partir das novas necessidades destes países, observa-se que tornou-se prática generalizada o tratamento computarizado do conhecimento e da informação, com vistas a maximizar a eficiência e otimizar o desempenho do sistema produtivo.

Assistimos, assim, que, na transição da sociedade industrial para a pós-industrial, a informação vai se delineando como ingrediente indispensável à tomada de decisões e objeto propulsor do desenvolvimento, e que o fator determinante do progresso se desloca cada vez mais da posse de bens materiais para a capacidade de elaborar idéias.

O sociólogo italiano Domenico de Masi (1990) destacou, em entrevista à revista *Veja*, que atualmente o que conta mais "(...) é a idealização e criação de bens não materiais como a informação, a estética e os símbolos, que são sobretudo veículos de idéias".

No cenário pós-moderno, tornam-se ainda mais ricos aqueles países que, além de investir na produção de mercadorias, desenvolvem seus meios de informação e comunicação, criam mais universidades e laboratórios de pesquisa, ampliam sua rede de instituições culturais. Ou seja, hoje o que determina a hierarquia entre os países não é tão somente o motor das fábricas, mas a engrenagem que move

a circulação de idéias e informações.

Em seu artigo "Tempos pós-modernos", BARBOSA (1988) corrobora a afirmação acima quando diz que:

"... a competição econômico-política entre as nações se dará daqui para frente não mais em função primordial da tonelagem anual de matéria-prima ou de manufaturados que possam eventualmente produzir. Dar-se-á, sim, em função da quantidade de informação técnico-científica que suas universidades e centros de pesquisa foram capazes de produzir, estocar e fazer circular como mercadoria."

Portanto, o que se verifica nesta sociedade que desponta a partir da década de 50 é que o saber torna-se a principal força de produção e passa a ocupar uma posição de mercadoria informacional, imprescindível à competição mundial pelo poder.

A análise destas questões nos permite entender com maior clareza a razão da desigualdade e do desequilíbrio entre os países do Norte e do Sul, visto que os primeiros são os maiores produtores de informação. E, na medida em que detêm as tecnologias e o controle da informação em suas mãos, continuam a exercer seu poder e dominação sobre os países do 3º Mundo. Também nestes países a mesma situação se reproduz e, no Brasil, pode-se observar, igualmente, que a hegemonia é exercida a nível interno por aqueles que dominam as tecnologias e são proprietários dos meios de comunicação e informação — portanto, aqueles que a produzem, controlam e distribuem.

Com a queda do regime comunista na Europa Oriental, analistas políticos tendem a considerar que haverá uma mudança na relação de forças entre os países, e que a polaridade Norte/Sul deverá se diluir. No entanto, a evolução dos fatos indica que, nas novas relações de poder que vierem a emergir, a informação continuará a ter seu peso forte, e ser um dos fatores importantes na definição do poder econômico e político internacionais.

Em nosso país, caracterizado por enormes discrepâncias, algumas regiões sequer atingiram a idade da sociedade industrial em termos de desenvolvimento econômico, social e cultural. Outras já mostram nitidamente traços de uma sociedade pós-moderna, especialmente o eixo Rio-São Paulo, onde cresce o número de empresas na área da informática e onde se multiplicam os micros e vídeos de uso doméstico. E, embora apenas uma minoria tenha acesso a estes

equipamentos, grande parte da população já convive com o fantasma da informatização, na medida em que utilizam, no dia-a-dia, serviços computarizados.

Diante da realidade complexa desta nova sociedade que aponta cada vez mais em direção à transnacionalidade e à multipolaridade, o bibliotecário terá que se posicionar politicamente e tomar decisões relativas ao exercício de sua prática profissional, procurando situar, dentro da evolução histórica, a inserção de nosso país neste contexto. Por mais remoto que este cenário possa parecer para muitos de nós, não podemos ignorar que as novas tecnologias já estão presentes em um número razoável de bibliotecas brasileiras e, se não quisermos perder o trem da história, a melhor atitude é deixar de lado os preconceitos arraigados e avaliar criticamente a conveniência de seu uso e adoção, a partir da análise de cada situação específica e dos recursos disponíveis.

O PODER DA INFORMAÇÃO

Tendo em vista as questões anteriormente formuladas, não há como negar que o século XX pode ser considerado como o das grandes transformações em nível econômico, político, social e cultural, e que os avanços alcançados, especialmente no campo da ciência e da tecnologia, provocaram grande impacto em nossas vidas, causando mudanças radicais e profundas em todas as esferas da sociedade. A ponto de o economista GRUA, citado por MUSSIO (1987), considerar o conhecimento técnico-científico como o quarto fator da produção, depois do trabalho, da terra e do capital, tornando-se um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade capitalista e da expansão da produção industrial.

Neste nosso século, verifica-se que o acervo dos conhecimentos científicos e técnicos foi crescendo em ordem exponencial, gerando enorme volume de informações e, assim, as bibliotecas/serviços de informação tiveram que adaptar-se às mudanças ocorridas e adequar seus serviços a uma realidade então emergente.

Neste contexto, o papel da biblioteca adquiriu outros contornos e teve de ser redefinido, bem como seus objetivos e funções. Estes, obviamente, sofreram reflexos e influências da nova era da informática, na qual o tratamento da informação passou a exigir cada vez mais a adoção de novas tecnologias e o desenvolvimento de sofisticados sistemas de recuperação de informações, incluindo linguagens de

indexação adequadas e eficientes, de forma a atender a usuários sempre mais exigentes e com demandas específicas.

Na pós-modernidade, a multiplicação e cotidianização das máquinas passa a influir na própria produção e circulação de conhecimentos afetando, inclusive, o estatuto do saber, visto que atualmente até o discurso científico deve se subordinar à máquina e ser expresso em texto traduzível para linguagem de computador, ou corre o sério risco de ser abandonado.

Em seu livro "O pós-moderno", LYOTARD (1988) comenta a "crise" por que passa a ciência na sociedade pós-moderna e afirma que:

"Nesta transformação geral, a natureza do saber não permanece intata. (...) Tanto os 'produtores' de saber como seus utilizadores devem e deverão ter os meios de traduzir nestas linguagens o que alguns buscam inventar e outros aprender".

Pode-se questionar, então, até que ponto mudanças tão rápidas e profundas influíram na práxis bibliotecária e na relação biblioteca/usuário. E constatar, a partir de uma análise mais geral, que o panorama bibliotecário brasileiro nos oferece que, em nosso país, nem todas as bibliotecas/serviços de informação tiveram condições de acompanhar *pari passu* as transformações ocorridas na sociedade, não só pela escassez de recursos, mas também por suas estruturas inadequadas e excesso de burocracia. Poucas são aquelas que possuem uma infra-estrutura condizente com as necessidades atuais dos grandes centros urbanos e pessoal qualificado em condições de operar sistemas informatizados.

Quanto aos usuários, estudos recentes no Brasil já revelam mudanças de hábito e comportamento na busca da informação, assim como no tipo e forma de informações requeridas - especialmente no que se refere à área administrativa da tomada de decisões, a demanda é por informação sintetizada, resumida, ou por dados apresentados em gráficos, tabelas, com indicadores sociais, econômicos etc. Em relação ao processo de busca da informação, o usuário teve que ser treinado para o uso do computador, a fim de poder utilizar com o máximo proveito as redes de dados bibliográficos *on-line*, e precisou adaptar-se a um outro tipo de raciocínio que o uso da máquina exigiu.

Outro ponto importante a ser considerado pelas bibliotecas/serviços de informação, nesta passagem da sociedade industrial à pós-

industrial, é que a relação usuário/informação se modifica, a partir do momento em que a informação passa a ser uma mercadoria como outra qualquer a ser consumida pelo usuário, adquirindo, além do valor-de-uso, um valor-de-troca*. A informação não é mais um "bem comum" acessível a todos, mas um produto a ser vendido e valorizado numa nova produção — ou seja, passa a ser insumo do processo produtivo e a ser utilizada como meio de produção (incrementando as técnicas e a inovação tecnológica), ou a nível do processo decisório da administração da produção (nas formulações de políticas, na seleção/contratação de pessoal, na compra de equipamentos, etc.), realimentando, assim, aquele processo. (Ver tb. ARAÚJO, 1986.)

Deste modo, a informação como mercadoria que tem valor-de-troca: passa a ser regida por regras mercadológicas, obedecendo às leis da oferta e da procura e servindo aos objetivos de reprodução do capital. Neste sentido, pode-se falar de um valor econômico intrínseco da informação na sociedade atual, que explica o caráter político de que foi investida, tornando-se instrumento de poder.

E, dentro deste quadro, realmente são pouco otimistas as perspectivas de qualquer mudança que venha reverter a situação dos países subdesenvolvidos — ao contrário, tudo indica que a tendência é a de se ver alargada ainda mais a defasagem que os separa dos países do 1º Mundo, estes sempre dirigindo esforços para manter o controle e o domínio das informações.

O PODER DE INFORMAR

Na sociedade pós-moderna, em que a informação ganhou foros de elemento promotor e gerador de progresso e riqueza, as bibliotecas/serviços de informação vêm adquirindo, num processo gradual, maior valorização, especialmente as técnicas e científicas. Conse-

* *Estes conceitos são aqui usados na acepção marxista, em que o valor-de-uso se baseia na qualidade da própria mercadoria, qualidade que é determinada para satisfazer uma determinada necessidade nossa e não qualquer outra de nossas necessidades. Quanto ao valor-de-troca, este tem como base o trabalho humano necessário para se produzir as mercadorias, de forma que, para serem trocadas, uma deve se apresentar como equivalente da outra. Para maior facilidade das trocas, começou-se a usar uma mercadoria como o equivalente geral para todas as outras — o DINHEIRO. Com a introdução do dinheiro, o esquema de trocas não é mais uma cadeia de mercadorias, mas sim uma cadeia de mercadorias e dinheiro. Ver CAFIEIRO, C. (1990) e LOPES, J.A. (1991).*

qüentemente, cresce a responsabilidade e o compromisso social do bibliotecário, visto ser o profissional que trabalha diretamente com a matéria-prima tida como propulsora do desenvolvimento, e aquele que desempenha o papel de mediador entre o usuário e a informação. Além disto, é quem domina as técnicas e os métodos de organização e de acesso aos dados e informações, podendo, deste modo, retardar ou condicionar decisões — e o fato de deter o controle da informação lhe confere um grande poder — O PODER DE INFORMAR.

O bibliotecário consciente de seu papel social deve canalizar esse seu poder para conseguir uma efetiva democratização da informação, procurando remover as possíveis barreiras existentes entre o usuário e o sistema, capacitando-o a usar os recursos com autonomia e conduzir a gestão de suas atividades informativas com segurança, sem depender de intermediários. Já no caso de sistemas de informação automatizados, o bibliotecário deve promover uma rápida interação do usuário com o computador, dando-lhe instruções sobre seu uso correto e indicando-lhe as inúmeras formas e modos possíveis de acessar a informação.

Diante desta grande força e *status* adquiridos pela informação na sociedade pós-moderna, cabe ao bibliotecário adotar uma posição política coerente e crítica, a fim de que possa atuar com discernimento ao lidar com objeto de tamanha importância. Daí ser fundamental o conhecimento profundo das complexas questões que envolvem a informação, de modo que tenha condições de analisar a natureza dos fatores aí implícitos e os mecanismos estratégicos de controle utilizados pelos países do 1º Mundo para manter seus privilégios e sua dominação sobre os países pobres. Para atuar com competência deve entender, sobretudo, que nossa dependência informativa não pode ser dissociada da econômica e da política, e ter para si suficiente clareza de que somente aqueles países que detêm a informação estão aptos a assegurar sua posição de superioridade numa sociedade pós-industrial capitalista.

Naturalmente que todas estas transformações na sociedade exigem que o profissional da informação assuma novos papéis e os desempenhe com determinação e criatividade, sempre atento às mudanças do meio ambiente em que a biblioteca está inserida, de forma a detectar tanto as oportunidades como as restrições e limitações impostas por fatores externos ao planejamento. Como gerente empreendedor, uma das principais habilidades que deve desenvolver é a capacidade de comunicação, visto que a nova realidade em que

vai exercer suas funções requer sua efetiva interação com outros técnicos e diferentes públicos. Portanto, deve ser capaz de trabalhar dados e informações em tempo hábil exigido pelas decisões, aproveitando-se dos recursos oferecidos pela informática para oferecer serviços essenciais aos usuários.

A função social da biblioteca pode ser resumida em seu papel primordial de democratizar a informação. Porém, este papel pode ser estendido e tornar-se muito mais abrangente, desde que o bibliotecário se disponha a adotar uma postura de agente transformador, dirigindo seu trabalho no sentido de acionar e promover mudanças na sociedade, através de políticas de conteúdo emancipatório, que propiciem aos cidadãos fazer suas escolhas e opções, exercer plenamente seus direitos de cidadania e assumir a liderança de movimentos reivindicatórios inseridos em projetos sociais mais amplos. É de fundamental importância que as bibliotecas/serviços de informação acompanhem a dinâmica do processo social e sejam constantemente redimensionados, com o propósito de traduzir os novos desejos e aspirações individuais e coletivos em formas concretas de realização, possibilitando o acesso aos bens culturais e às novas tecnologias da informação.

Para que consiga alcançar este objetivo social, é importante que o bibliotecário desenvolva e adote o conceito de informação com o qual irá trabalhar, procurando contextualizá-la na realidade em que a biblioteca está inserida. Para tanto, é necessário aprofundar, e não apenas retomar, as questões formuladas pelos teóricos da comunicação, de preferência aqueles que buscaram, com suas teorias, fazer uma reflexão crítica do processo de comunicação e informação, em oposição aos modelos funcionalistas ultrapassados, e cujo uso já se mostrou inadequado para as bibliotecas/serviços de informação. É fundamental, também, que estes sejam constantemente avaliados e analisados em confronto com o contexto global da sociedade e planejados, levando-se em conta o econômico, o político, o social e o cultural como um todo orgânico e integrado, cujas mudanças lhe afetam diretamente e devem servir para nortear suas políticas, seus objetivos, suas práticas e os serviços a serem oferecidos aos usuários.

Somente a partir deste ponto de vista abrangente, o bibliotecário terá condições de executar um trabalho cuja finalidade seja a transformação da situação vigente, direcionando suas ações para alcançar a descolonização no domínio da informação e buscando os caminhos de uma nova ordem informativa mais justa e equilibrada, como vem

sendo reivindicado, pelos países do 3º Mundo, nos inúmeros encontros e conferências promovidos pela UNESCO neste sentido. (Ver BULIK, 1990.) Apesar das inúmeras tentativas frustradas de se conseguir uma verdadeira integração dos sistemas de comunicação e informação entre estes países, uma nova perspectiva surgiu para a América Latina com o recente acordo de cooperação econômica assinado entre os países do Cone Sul — o MERCOSUL, que tem sido visto como uma possível abertura para a negociação do estabelecimento de uma rede latino-americana de comunicação, que vise sobretudo intensificar a cooperação e a integração das bibliotecas/serviços de informação de nossa sul América, promovendo o efetivo intercâmbio de informações. A comunicação dos conhecimentos científicos e a aplicação de inovações tecnológicas mais apropriadas ao nosso estágio de desenvolvimento permitirão incrementar os padrões de produção e consumo e promover profundas transformações a nível social.

Uma grande solução deve ser buscada pelos governos latino-americanos, uma solução única para romper definitivamente com a dependência econômica, política e cultural a que estamos submetidos, através de ações conjuntas entre os países visando o melhor aproveitamento de nossas riquezas e de nosso território. E, a partir das potencialidades locais, alcançar o desenvolvimento global, buscando contar com a solidariedade dos povos e sua cumplicidade em torno de projetos para o futuro. Será através da harmonização da ciência e da cultura que poderemos desencadear atividades produtivas aproveitando nossos recursos, a capacidade criativa, as destrezas e habilidades de nossos povos.

A estratégia alternativa para a negociação Norte/Sul, sem dúvida, passa pela capacidade de elaborar projetos. Portanto, precisamos de projetistas qualificados dispostos a investir em idéias e produzir informações, colocando seu conhecimento a serviço do progresso que venha a transformar positivamente a realidade.

Na nova ordem internacional que se delinea, em que os países reconhecem a necessidade de encontrar formas de cooperação para atingir o desenvolvimento sustentável, a América Latina pode dar muitas lições. Pois, apesar da posição desfavorável de nosso continente no cenário econômico internacional, é o resto do mundo que hoje precisa da América Latina, visto que aqui coexistem diversas culturas, devido à inserção de grandes contingentes migratórios e imigratórios — e, apesar disto, se consegue conviver bem com essa

diversidade, sem que os povos percam sua identidade cultural. Para manter essa surpreendente coesão e sentimento de pertinência dos povos da América Latina, torna-se necessário garantir o melhor aproveitamento/urbanização de seu território, transformando-o em uma "grande cidade" — pois somente a partir da expansão da cultura urbana é que veremos se espalhar entre todos o verdadeiro sentimento da *urbe*, da cultura.

A partir de uma análise profunda a respeito destas nossas características e de nosso contexto específico, podem ser inúmeras as possibilidades de atuação dos agentes de informação. Somente através desta reflexão consciente é que poderão contribuir efetivamente para o avanço do desenvolvimento latino-americano e brasileiro, ao tomar conhecimento das variáveis econômicas e políticas deste processo de transição. Na busca de uma sociedade mais justa e equilibrada para os nossos povos, a informação é elemento fundamental de apoio e suporte à consecução deste arrojado projeto social em todas as suas fases, constituindo-se no insumo básico e indispensável à promoção das mudanças sociais.

Portanto, é hora do bibliotecário investir toda sua criatividade no gerenciamento das bibliotecas/serviços de informação e adotar estruturas mais modernas e flexíveis que agilizem a rápida recuperação de informações, tendo sempre em vista o projeto social latino-americano, acompanhando a dinâmica da sociedade e se adaptando às novas necessidades que forem surgindo.

Naturalmente que as definições sobre os objetivos, diretrizes e linhas de atuação da biblioteca, assim como sobre as ações a serem empreendidas e as práticas a serem adotadas, estão no âmbito de decisão do bibliotecário e serão, portanto, reflexo de sua postura e posicionamento político frente a todas estas complexas questões.

No entanto, seria ingênuo afirmar que os resultados obtidos ao final deste processo dependam exclusivamente do comprometimento político do bibliotecário e do apoio e esforço de sua equipe, tendo em vista as injunções que condicionam o exercício de qualquer poder — talvez, principalmente, O PODER DE INFORMAR.

POST-MODERN SOCIETY: the power of information and the power of informing

Discusses the relevance of information in the post-modern society and the new role of the librarian as information's professional. It emphasizes the knowledge as informational mer-

chandise at the new society and the increasingly knowledge's informatization. The impacts of the changes occurred in society and its influence on the practice of libraries/information services, as well as on the relation user/information, are analysed and well-considered.

KEY-WORDS: Post-Modern Society
Libraries and Society
Libraries - automation

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, V. M. R. H. Papel do profissional da informação em uma sociedade em mudança. **Ciência da Informação**, Brasília, v.15, n.1, jan./jun. 1986. p.11-13.
- BARBOSA, W. V. Tempos pós-modernos. In: LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p.vii-xiii.
- BULIK, L. **Doutrinas da informação no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 1990.
- CAFIEIRO, C. **O Capital** - uma leitura popular. 6.ed. São Paulo: Pólis, 1990. p.14-15.
- LOPES, J. A. A. **Lições de transitalidade**. São Paulo: ECA/USP, 1991. Lição 6: A noção de valor-de-uso. (Tese de Livre Docência.)
- LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- MASI, D. A força das idéias. **Veja**, São Paulo, 28.11.90, p.5-7. (Entrevista com Domenico de Masi.)
- MUSSIO, P. **Introdução à informática**. Petrópolis: Vozes, 1987. (Automação e Trabalho.)
- SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Primeiros Passos, 165.)
- TOFFLER, A. & TOFFLER, H. As cores da violência. **Folha de São Paulo**, 10 de maio de 1992. Caderno MAIS. p.4.